

MEMÓRIA E JUSTIÇA EM “MARTELO”, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA: O CONTO CONTEMPORÂNEO COMO SINALIZADOR DA REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA

Lara Giselle Guardiano¹

RESUMO: Em âmbito nacional, a narrativa memorialista corresponde a uma das grandes vertentes da produção contemporânea de contos literários. Quando associado a um processo de representação da realidade social, esse eixo de escrita inevitavelmente abre espaço para a observação crítica das diretrizes coletivas que são estabelecidas ao longo dos tempos. Há, nesse sentido, um resgate não só da memória individual de um personagem, mas da memória coletiva de determinada sociedade. É exatamente esse processo que se pretendeu analisar neste trabalho, tomando como referencial o conto “Martelo”, publicado em 2017 por João Anzanello Carrascoza. O texto, que se desenvolve a partir da retomada da memória do narrador-protagonista, aborda, com uma sensibilidade ímpar, temas fortemente presentes na realidade brasileira, como a desigualdade, a injustiça social e a importância da criação de medidas afirmativas, a exemplo da política de cotas para ingresso em universidades. Assim, após aprofundada análise crítico-reflexiva do conto, restou evidenciada a sua significativa contribuição para a cena contística nacional do século 21.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Justiça; Realidade social.

ABSTRACT: At the national level, the memorialist narrative corresponds to one of the major aspects of the production of short stories in recent decades. When associated with a process of representing social reality, this axis of writing inevitably leads us to a critical observation of the collective guidelines that are taken over time. In this sense, there is a rescue not only of the individual memory of a character, but of the collective memory of a certain society. It is exactly this process that was intended to be analyzed in this work, taking as reference the short story “Martelo”, published in 2017 by João Anzanello Carrascoza. The text, which develops from a resumption of the narrator-protagonist's memory, addresses, with unique sensitivity, themes strongly present in the Brazilian reality, such as inequality, social injustice and the importance of creating affirmative measures, such as quotas for admission to universities. Thus, after an in-depth critical-reflective analysis of the short story, its significant contribution to the national content scene in the 21st century was demonstrated.

KEY-WORDS: Memory; Justice; Social reality.

“Martelo” é um conto que integra o livro *Catálogo de perdas*, publicado em 2017 e fruto da parceria entre João Anzanello Carrascoza, responsável pelas narrativas verbais da obra, e Juliana Monteiro Carrascoza, fotógrafa que materializou em imagens as histórias narradas. Em que pese o brilhantismo do trabalho visual encontrado no exemplar, que indiscutivelmente enriquece a experiência do leitor, o presente artigo direciona seu foco à produção textual do livro, isto é, a um dos contos escritos por João Anzanello, uma vez que a obra, ao que se entende, é uma importante contribuição do autor à literatura brasileira contemporânea.

¹ Mestranda em Letras, sob os auspícios da CAPES, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto/SP. E-mail para contato: laraguardiano@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5231724393819942>

O propósito do livro, como se verifica em sua exposição de motivos, é relatar situações de perda - em sentido amplo - e simbolizá-las a partir de um determinado objeto:

Não há experiência mais dolorosa do que a perda. A história de cada um se desdobra no tempo e carrega à sua sombra uma coleção de ausências. Coleção que só se amplia ao longo da vida. Este livro reúne relatos de perda simbolizada sempre por um objeto e também representada em fotografia - registro visual da relação partida. Nossa pequena contribuição para o imenso museu de dores que é a história da humanidade. (CARRASCOZA, 2017, p. 3).

Ao longo dos quarenta contos que compõem o livro, a palavra “perda” revela-se em uma multiplicidade de sentidos. Fala-se da perda de objetos, memórias, oportunidades, entes queridos, amores que se foram e de mais um sem-número de elementos - concretos e abstratos - passíveis de serem perdidos ao longo da vida. Ao relacionar o sentimento de perda com determinado instrumento ou peça, o autor materializa, de maneira poética, as emoções de seus personagens, possibilitando uma apreensão semiótica da obra.

Nesse contexto, o conto escolhido para a análise traduz, na figura do **martelo**, uma história de perda marcada pela injustiça social. O narrador, em primeira pessoa, descreve o dia em que perdeu uma prova de vestibular em razão de circunstâncias alheias à sua vontade. Com profunda sensibilidade, o fato é narrado de forma a evidenciar a contribuição da condição socioeconômica do personagem para o desenrolar dos acontecimentos.

O ponto de partida do conto já sinaliza a reflexão social que está por vir: “Foi naquele tempo, antes das cotas para negros e pobres na universidade.” (CARRASCOZA, 2017, p. 52). O narrador-personagem coloca-se, de imediato, nessa dupla condição: negro e estudante de escola pública em periferia, indicando ao leitor as circunstâncias de seu ambiente e o seu consequente despreparo para responder às perguntas do vestibular, fatos esses que o colocam muito distante de seu maior sonho: cursar direito.

Na sequência, a narrativa nos apresenta o pai do protagonista, um motorista de Samu com o salário apertado, que se vê obrigado a arranjar um bico como porteiro noturno para conseguir cobrir as despesas do cursinho de seu filho, de modo a investir, por meio do trabalho árduo, na complementação de seus estudos e em sua preparação para o vestibular.

O narrador-personagem, nesse momento da trama, enfatiza a valorização que atribui ao esforço de seu pai e expressa sua intensa dedicação ao referido curso:

Eu sonhava com direito, mas era impossível entrar na faculdade sem cursinho. O pai arranhou um bico de porteiro à noite para cobrir essa despesa. E eu me

joguei nos estudos com empenho máximo. Aulas, leituras, simulados. (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

O protagonista chama, nesse ponto, a atenção do leitor para os “sustos” que toma ao descobrir uma série de assuntos escolares que, até aquele momento, não tinham chegado a seu conhecimento, evidenciando a deficiência do ensino na rede pública:

Havia um mundo imenso que eu desconhecia: as plantas parenquimatosas, os números complexos, o efeito estufa, a Guerra do Golfo, a intertextualidade, a lei da termodinâmica, a tabela periódica, o rio amarelo, Dom Casmurro. Os dias vinham e iam embora, todos iguais, diferentes só as coisas novas que eu aprendia. (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

Em seguida, ao narrar o tão esperado dia do vestibular, o protagonista sinaliza sua ansiedade para a prova e a preocupação com o horário marcado. Descreve todo o caminho que precisa percorrer para chegar ao local do exame e informa que seu pai insiste em acompanhá-lo até lá, como forma silenciosa de apoio:

O domingo do vestibular, enfim, chegou. Acordei cedo e tentei me distrair. A mãe preparou uma comida leve e, mesmo sem ter fome, almocei às dez e meia da manhã. Para chegar com folga ao local da prova, que começava a uma da tarde, eu precisava pegar o ônibus Praça Ramos, das onze, saltar no ponto final, na Xavier de Toledo, caminhar até o Largo do Patriarca e lá pegar outro ônibus para a Casa Verde. O pai avisou que ia comigo, era seu dia de folga, aproveitaria para dar uma volta pela cidade. Mas eu sabia que a sua presença era uma forma silenciosa de me incentivar, de poupar a minha atenção para o exame. (CARRASCOZA, 2017, p. 52)

A narrativa chega ao seu clímax no momento em que o ônibus que transportava os personagens quebra no meio do caminho. Inicia-se, a partir daí, um calvário para que o protagonista consiga chegar a tempo de não perder o exame: ele e o seu pai pegam um segundo ônibus, mas têm sua passagem interrompida por uma passeata dos sem-teto; saltam do veículo e correm, a pé, até o local de prova. De longe, enxergam os seguranças fechando os portões e avançam contra as grades, desesperados e sem sucesso:

Então, aconteceu. [...] O primeiro ônibus quebrou entre a Paulista e a Consolação. Ainda assim, chegamos com pouco atraso na Xavier de Toledo, andamos às pressas até o Patriarca e conseguimos pegar o segundo ônibus. Mas, no final do caminho, entre Cachoeirinha e Casa Verde, uma passeata dos sem-teto nos reteve. Esperamos, aflitos, de olho no relógio. Como nenhum veículo podia avançar sobre a multidão, e estávamos no limite, saltamos ali e fomos correndo até a escola onde eu faria a prova. De longe, sob o sol forte e indiferente, vimos os seguranças fechando os portões. Avançamos juntos, como soldados suicidas, e nos atiramos contra o trançado dos ferros. (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

Diante do acontecimento, o ritmo acelerado do fluxo de consciência do personagem nos leva a compreender o turbilhão de emoções sentidas naquele determinado momento, principalmente em relação aos esforços de seu pai, e o impacto que o acontecimento gerou em sua vida presente:

Minha voz sumira, mas o pai gritava, desesperado, o pai, com chuva nos olhos, o pai suplicava - ele sabia, bem mais do que eu, o que estávamos perdendo. Esquecido de mim, imaginei-o atravessando, solitário, as madrugadas na portaria do prédio onde trabalhava. Imaginei-o dia a dia, o ano inteiro, dirigindo a ambulância do Samu, quase a cair de sono. E aí compreendi que um filho nada pode fazer para diminuir a dor de seu pai. E vice-versa. Juiz de direito, hoje, penso nessa injustiça todas as manhãs quando entro pela porta do tribunal. (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

Assim o conto termina, legando ao leitor o papel da reflexão. A temática em torno da desigualdade e do conceito de (in)justiça social é o que define o tom da narrativa e a forma como ela pode ser interpretada.

Como dito anteriormente, a proposta do livro que abriga o texto analisado consiste em relatar perdas e simbolizá-las por objetos do cotidiano. O **martelo**, que dá nome à narrativa em foco, carrega uma série de significados que podem ser associados à história criada por Carrascoza.

Em face do que é retratado na literatura, tem-se que o martelo possui uma de suas mais antigas simbologias na cultura escandinava, tendo sido utilizado como objeto místico pelos povos vikings. De acordo com Langer (2010, p. 15), o *Mjöllnir*, também conhecido como “martelo de Thor”, é o instrumento que mais possui referências literárias nas *Eddas* e nas sagas islandesas. Nesses contextos, segundo o pesquisador, é possível extrair três significados principais do uso do objeto: i) como instrumento ritual e mágico; ii) como arma e iii) como mero instrumento de proteção.

Como instrumento ritual e mágico: o martelo consagra nascimentos, casamentos, mortes, funerais, juramentos; assegura propriedades; consagra a terra e a propriedade; propicia a ressurreição e a fertilidade da vida; símbolo fálico; marca de fronteira; usado para localizar ladrões; **como arma:** ele defende o mundo, os deuses e os homens contra as forças do caos; **como instrumento:** o martelo protege contra os elementos naturais. (BRAY, 2006, p. 5; LINDOW, 1994, p. 489 *apud* LANGER, 2010, p. 15, grifos do autor).

Sutilmente ligado à concepção de instrumento mágico, o entendimento trazido por Bonnel (1997, p. 84) conecta a utilização do martelo à ideia metafórica de transformação do

mundo, uma vez que o objeto é, muitas vezes, empregado para transformar matéria-prima em produto.

Ainda nesse sentido, é possível resgatar a simbologia do martelo no contexto do socialismo soviético, que, associado à figura da foice, representa a luta do operariado contra a burguesia, enfatizando, novamente, a ideia de transformação - nesse caso, social.

Há, por fim, uma forte presença do martelo em contextos jurídicos, o que o coloca, ao lado da balança e da espada, como um dos mais representativos símbolos da Justiça. No sítio eletrônico do Supremo Tribunal Federal (2020), é possível encontrar um espaço destinado à explicação de seu significado para o Direito:

Também chamado de malhete, o martelo do juiz, todo em madeira, é, juntamente com a deusa Thêmis e a balança da justiça comutativa, um dos mais fortes e conhecidos símbolos do direito e da justiça. A origem para seu significado é controversa, alguns autores ligam-no à mitologia grega, para a qual a figura do martelo liga-se à do deus Hefesto, divindade do fogo, dos metais e da metalurgia, conhecido como o ferreiro divino. Outros autores fazem referência ao antigo cajado utilizado pelos sacerdotes judeus e cristãos, que, quando presidindo os cultos ou reuniões públicas, o utilizavam para chamar a atenção da assembléia. No Direito o martelo representa o sinal de alerta, respeito e ordem para o silêncio.

Diante da farta simbologia atrelada à figura do martelo, é evidente que o título escolhido por Carrascoza (2017) carrega profunda conexão com o exercício reflexivo que a narrativa nos propõe. É importante considerar, nesse sentido, que o tema central do conto é a (in)justiça social - causada, nesse caso específico, pela desigualdade entre as classes. O martelo, portanto, reúne em si, enquanto símbolo, os motivos espalhados ao longo da trama, ora como representação do trabalho proletário, ora como instrumento de transformação da realidade, ora como objeto utilizado no meio jurídico.

Considera-se relevante destacar o fato de que, à exceção do título, em nenhum momento na narrativa há menção explícita ao martelo. A condição metafórica do objeto em relação ao enredo fica, dessa forma, evidente. É ele, o martelo, o instrumento que liga poeticamente todas as situações narradas no conto, ainda que não apareça concretamente no texto.

Logo no início da história, é possível identificar uma associação semiótica entre a dupla condição do personagem - negro e pobre - e a estrutura física do objeto em questão. Como se sabe, o martelo é composto por uma peça de metal com dois lados, separados pelo cabo, normalmente feito de madeira. Os lados podem ter funções diferentes, como é o caso da ferramenta utilizada para firmar e arrancar pregos, ou iguais, como no instrumento utilizado

pelos juízes nos tribunais. O fato é que a pessoa que manipula o martelo inevitavelmente vai pendê-lo para um dos lados e aplicar determinada força sobre algum outro objeto. O protagonista do conto, estando na dupla condição que descreve, vê-se encurralado pelos lados que o cercam, sabendo que, se o fato de ser negro não o impedir de seguir seu sonho, sua condição social irá fazê-lo - o martelo decisivamente terá que bater de algum dos lados.

Diante dessa “sinuca de bico”, o narrador encontra escapatória no cursinho preparatório para o vestibular, que é pago com os esforços da jornada dupla de trabalho de seu pai. Nesse ponto, fica patente a associação do martelo ao trabalho proletário e à simbologia da luta pela mudança das condições de vida da classe trabalhadora.

Mais tarde, ao fim do conto, o esforço empregado pelo pai do protagonista é retomado em suas reflexões. Trata-se do momento em que ele imagina a exaustão de seu genitor durante as árduas horas de trabalho, demonstrando um profundo pesar pelo ocorrido e causando uma sensação agonizante de quem nada pode fazer para recuperar aquilo que foi conquistado com tanto suor.

A simbologia da transformação, representada pela função do martelo de converter a matéria-prima em produto, é muito presente nas referidas passagens, uma vez que é no trabalho e no estudo que o personagem principal e seu pai vislumbram uma mínima possibilidade de ascensão social, isto é, eles depositam no esforço pessoal a única esperança de ver suas vidas efetivamente transformadas.

O que os acontecimentos seguintes nos mostram, em contrapartida, é que o afincamento individual - que aqui se pode chamar de “mérito” - empregado pelos personagens não é suficiente para que o protagonista atinja seu objetivo naquele momento, uma vez que outras circunstâncias, de ordem social, fatalmente o interrompem.

Nesse sentido, elementos estrategicamente inseridos na narrativa, como a dependência do transporte público para a locomoção até o local de prova e a manifestação dos sem-teto, escancaram o problema da desigualdade e nos fazem refletir sobre ambas as injustiças: a que sofreu o personagem e a social como um todo.

Daí que surge o importante e paradoxal desfecho do conto: anos depois do ocorrido, o protagonista finalmente torna-se juiz de direito e, é pensando nas injustiças que viveu e presenciou, que utiliza, metaforicamente, o mesmo martelo para transformar a realidade e deixá-la um pouco mais justa. Eis, portanto, o impacto da escolha do autor em relação ao nome do texto.

Assim, feitas as considerações acerca do título do conto, passar-se-á ao estudo dos personagens, do narrador, do ambiente e de outros conceitos organizados como operadores de leitura da narrativa, que, de acordo com a teoria proposta por Arnaldo Franco Junior (2009, p. 33),

são conceitos-chave para o desenvolvimento de uma análise e interpretação do texto narrativo pautada pela tradição dos estudos acadêmicos. Alguns desses operadores são, muitas vezes, utilizados por diferentes linhas da teoria da literatura quando do desenvolvimento do estudo de um texto literário a partir dos princípios e da metodologia que lhes são pertinentes.

O primeiro ponto a ser examinado é a construção dos personagens e seu grau de densidade psicológica. Temos, nesse sentido: o protagonista, o seu pai, a sua mãe, os sem-teto que participavam de uma passeata e os seguranças da escola onde ocorreria a prova do vestibular. Nenhum deles recebe nome, provavelmente em razão do recurso de subjetivação lançado pelo narrador, que relata os acontecimentos utilizando-se do fluxo de consciência, e, também, em virtude do processo de universalização da situação narrada, responsável por romper as barreiras entre a memória individual e a coletiva.

O personagem principal do conto, que também o narra, descreve-se em poucas características, suficientes para que o leitor compreenda as experiências pelas quais passou: negro, pobre, sonhava em cursar direito. Não há muitas outras informações sobre sua caracterização física, social e psicológica, salvo aquelas delineadas por suas atitudes no decorrer da trama.

Seu pai e sua mãe são introduzidos na narrativa por artigos definidos (“o pai”, “a mãe”), dispensando apresentações muito detalhadas, o que se justifica pelo fato de a história ser contada a partir de um resgate das lembranças do próprio narrador, gerando uma intimidade com os demais personagens e dispensando grandes apresentações ao leitor.

A mãe e as demais personagens - seguranças da escola e grupo dos sem-teto - desempenham uma função secundária na trama, pois sua participação é, de certo modo, subalterna, não atraindo tanto o interesse do leitor. É bem verdade, contudo, que determinadas ações dessas personagens são fundamentais para a construção do nó narrativo, como no caso da passeata dos sem-teto, responsável por atrasar o protagonista para sua prova; e do fechamento dos portões da escola pelos seguranças. Todavia, são apenas suas ações pontuais que interessam à história, não havendo qualquer relevância na descrição de sua personalidade

ou até mesmo em sua individuação. São, em resumo, personagens-tipo completamente secundárias.

O pai, apesar de desempenhar um papel secundário, apresenta um grau de importância significativo para o conflito dramático, visto que os fatos que se sucedem giram em torno de seu esforço para garantir ao filho uma vida mais confortável. Pode-se dizer, até, que há uma espécie de protagonismo em relação a ele, talvez não tão grande quanto o do narrador, mas substancialmente presente. No que tange à densidade psicológica, é uma personagem plana com tendência a redonda, que pode ser entendida como aquela que:

embora se marque por uma linearidade predominante no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu *ser* (a sua psicologia) e o seu *fazer* (as suas ações), [...] não se reduz totalmente à previsibilidade. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 39, itálicos do autor).

Tal classificação se dá, em relação ao pai, pelo fato de haver uma certa linearidade do personagem no início e no meio da narrativa - momento em que ele ganha destaque por ser o provedor da família, apresentando uma postura subserviente -, mas que se altera, ao final, pela sua reação diante da perda do vestibular pelo filho. Nesse último momento, há uma ascensão do personagem, uma vez que ele sai daquela postura submissa e avança sobre as grades da escola, como um “soldado suicida”, passando por uma espécie de catarse diante de toda a situação vivida.

No que tange à densidade psicológica do protagonista da história, é possível dizer que se trata de uma personagem redonda/complexa, uma vez que apresenta um alto grau de complexidade no que se refere a suas ações e pensamentos. Por se tratar de um narrador-personagem, sua construção confunde-se com a forma como relata os fatos. Tem-se, portanto, uma autodiegese narrativa, capaz de permitir ao leitor uma composição psicológica naturalmente significativa e íntima do personagem.

Quanto ao foco narrativo, é evidente que se trata, como já dito, de um narrador protagonista, que, nas palavras de Franco Junior (2009, p. 43):

Narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Narra portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria experiência, já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada. Pode-se valer tanto da cena como do sumário, aproximando ou distanciando o leitor da história narrada.

Com o foco narrativo partindo desse centro fixo - atrelado às memórias do narrador -, o que se identifica, no conto, é o uso de recursos de subjetivação do personagem, mais

especificamente do fluxo de consciência, para a construção do tempo psicológico da trama. Tal recurso representa um processo mental no qual os pensamentos, sensações e emoções do personagem ganham livre trânsito na narração, aproximando, de maneira máxima, o leitor de sua vida interior, podendo causar até mesmo um forte efeito de perturbação (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 48). É exatamente o que ocorre quando o narrador-personagem traz à tona suas lembranças acerca do dia em que perdeu o vestibular, atrelando os fatos ocorridos aos seus pensamentos e sensações sobre eles.

Em geral, a narrativa de memórias é uma característica muito marcante de Carrascoza, o que o associa, substancialmente, a uma das grandes vertentes do conto brasileiro atual. Nesse sentido, Luiz Gonzaga Marchezan (2019, p. 525-538), ao realizar um estudo sobre os contos vencedores do Prêmio Jabuti entre os anos de 1999 e 2008, busca identificar as constantes presentes no imaginário literário contemporâneo, como a cólera, o humor e a **memória**. Partindo dessas constantes, Marchezan classifica a produção contística atual em três grandes conjuntos narrativos: o encolerizado, o humorado e o memorialista. Esse, portanto, é um dos fatos que consagra o registro do conto “Martelo” na fotografia literária brasileira recente, uma vez que é a memória do protagonista que conduz a narrativa.

A narração memorialista, de acordo com Marchezan (2019, p. 528), situa “invariantes individuais, com medidas tiradas de movimentos individuais, específicos, autorais, permitindo-nos identificar determinadas constantes traçadas pelo imaginário literário”. Nessa toada, os dramas contados a partir da memória revelam, de forma muito subjetiva, a intimidade humana e a forma como o personagem percebe e sente o mundo ao seu redor.

Assim, o que se tem em “Martelo” é um resgate pessoal de lembranças que, ao entrar em contato com o leitor, faz com que este se aproxime intimamente do personagem. Essa intimidade facilita, inevitavelmente, o surgimento de uma empatia em relação aos fatos narrados, o que, por conseguinte, favorece a reflexão do leitor no sentido pretendido pelo autor.

Nesse sentido, partindo da noção de que a temática central do conto é a (in)justiça social causada pela desigualdade, o trajeto reflexivo que é proposto retoma muito mais do que só a memória individual do protagonista. Há, de forma clara, um resgate da memória coletiva da sociedade brasileira como um todo.

Importa trazer, nesse ponto, a teoria proposta por Maurice Halbwachs (1990) sobre os conceitos relacionados à memória. Para o sociólogo, as lembranças de um indivíduo constroem-se a partir de suas relações com determinado grupo social. Nesse sentido, a memória individual

funcionaria como um ponto singular de encontro das diversas influências sociais que a pessoa tem ao longo de sua vida. Por outro lado, a memória coletiva estaria ligada a quadros comuns de lembranças, organizados, estabelecidos e compartilhados por certa sociedade.

Portanto, a lembrança individual, constituindo-se numa miscelânea de experiências provocadas pela vivência comunitária, pode vir a configurar um verdadeiro testemunho das memórias coletivas, a partir do registro de relações socioculturais, políticas e econômicas de um determinado tempo-espço. Tal processo é plenamente identificável no conto “Martelo”.

O texto de Carrascoza, logo em sua primeira frase, evidencia a retomada de uma **lembrança social** não muito distante: “**naquele tempo**, antes das cotas para negros e pobres na universidade” (CARRASCOZA, 2017, p. 52, grifos nossos). O que se desenvolve, a partir daí, é toda uma narrativa acerca das consequências que tal fato - a ausência de cotas para negros e pobres para ingresso no ensino superior - poderia ser capaz de causar na vida das pessoas que se encontravam nessa condição.

É importante, nesse ponto, que se retome historicamente o referido assunto no contexto social brasileiro. De acordo com Bezerra e Gurgel (2012, p. 95-117), até a década de 1990, o acesso ao ensino superior no país ainda era muito elitizado, o que foi sendo transformado ao longo dos anos por meio de políticas públicas:

A educação superior no Brasil se conformava, até os anos 1990, com a condição de ser um patrimônio reservado aos estudantes provenientes das camadas mais altas da população. Ainda que esta estrutura não se tenha modificado no essencial, nos últimos anos houve uma expansão bastante expressiva no sentido de superar esta limitação.

Diante desse cenário, os grupos sociais marginalizados tiveram, por muito tempo, seu acesso ao ensino superior dificultado em decorrência da disparidade de condições de concorrência.

Botelho, Maia e Mundim (2011, p. 11) informam que a reserva de vagas para grupos específicos teve sua primeira manifestação jurídica ainda no final da década de 1980, quando a própria Constituição Federal previu a implementação de tal medida afirmativa – mas somente em relação às pessoas com algum tipo de deficiência. Embora a previsão fosse restrita, ela inegavelmente abriu caminhos para o debate e posterior extensão de efeitos a outros grupos socialmente marginalizados.

Oliven (2010, p. 30) explica, de maneira didática, o que viriam a ser essas ações afirmativas:

O termo Ação Afirmativa refere-se a um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança. Em termos práticos, as ações afirmativas incentivam as organizações a agir positivamente a fim de favorecer pessoas de segmentos sociais discriminados a terem oportunidade de ascender a postos de comando.

No Brasil, a partir do ano de 2002, as ações afirmativas começaram a ser executadas por meio do “Programa Diversidade na Universidade”, que visava à implementação e avaliação de estratégias para permitir o acesso ao ensino superior de grupos socialmente desfavorecidos, em especial das populações negras e indígenas. Foi somente nesse momento que as universidades começaram a adotar o sistema de reserva de vagas (BOTELHO; MAIA; MUNDIM, 2011, p. 11-12).

Em face desse panorama, a realidade trazida pelo conto de Carrascoza localiza-se num espaço temporal relativamente recente. Há, portanto, uma fotografia social relevante em sua narrativa, que faz muito mais do que apenas retratar a contemporaneidade.

É de conhecimento comum que o debate em torno da implementação de cotas para o vestibular gera polêmicas calorosas até os dias de hoje. Existe uma significativa parcela da população que defende o que se chama de “meritocracia”, isto é, a conquista de determinada posição social em decorrência única e exclusiva do esforço pessoal do agente.

O conto em análise, ao evidenciar o árduo empenho do protagonista e de seu pai para criar condições de igualdade mínimas em relação à concorrência do vestibular, põe em xeque a teoria meritocrática. Os esforços empregados pelos personagens não se mostram suficientes para que a vaga seja alcançada. As circunstâncias sociais reveladas na história são a principal causa desse fracasso.

Não à toa, o discurso narrativo constrói uma cadeia de elementos que corroboram com essa ideia: primeiro, o esclarecimento imediato da condição socioeconômica do protagonista: negro e pobre, estudante de escola pública localizada na periferia. Ligada à última característica, vem a descrição de sua situação intelectual: “sem preparo algum para responder às perguntas do vestibular”, o que é reforçado, adiante, quando o narrador enumera uma série de assuntos disciplinares completamente desconhecidos por ele.

Em seguida, vem a descrição do trabalho de seu pai e do salário míúdo que este recebe, que mal dá para cobrir as despesas da casa, fato que o obriga a arranjar um bico, no período

noturno, para conseguir pagar o cursinho – única possibilidade de ver o filho ingressando numa universidade.

Logo após, vem a narração do esforço que o protagonista faz para correr atrás do conteúdo que não teve na rede pública de ensino. Nesse ponto, uma frase muito interessante é inserida no texto: “Os dias vinham e iam embora, **todos iguais, diferentes** só as coisas novas que **eu** aprendia” (CARRASCOZA, 2017, p. 52, grifos nossos). Há, nesse trecho, uma ambiguidade muito sutil e engenhosa, que remete justamente à desigualdade que direciona o tema do conto. Os dias, **todos iguais**, poderiam ser facilmente associados aos concorrentes do personagem, de classe econômica superior, igualmente preparados – entre si – para a prova. **Diferente**, no entanto, só as coisas novas que **ele** – o narrador – aprendia, ou seja, aquele conteúdo que era oferecido de maneira equânime aos demais, para ele, era novidade, uma vez que sua condição social não o permitia ter acesso a tais conhecimentos – o que certamente o colocava em pé de desigualdade com os outros para concorrer à vaga.

Ainda, a descrição das etapas numerosas que precisaria enfrentar para chegar ao local da prova demonstra, em primeiro lugar, a enorme distância entre sua residência e área de classe média da cidade. Em segundo lugar, fortalece a ideia de esforço desmensurado que precisava fazer para concorrer a uma vaga, evidenciando, novamente, a disparidade da concorrência. “Eu precisava pegar o ônibus Praça Ramos, das onze, saltar no ponto final, na Xavier de Toledo, caminhar até o Largo do Patriarca e lá pegar outro ônibus para a Casa Verde” (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

Ao chegar ao nó da narrativa – “Então, aconteceu.” – o narrador começa a descrever a sucessão de fatos catastróficos que culminaram na perda do horário para entrar no local de prova. Os elementos inseridos nessa passagem também comunicam algo ao leitor. É o caso, por exemplo, da quebra do primeiro ônibus “entre a Paulista e a Consolação”. Note-se que a área urbana indicada é nobre, o que sugere um obstáculo de ordem não só fatídica, como também social – o primeiro empecilho à realização do sonho do autor está localizado na elite, aqui representada pelo bairro em que o tráfego do veículo é interrompido.

Não obstante, o personagem ainda consegue pegar um segundo ônibus próximo a esse local, o que, de certa forma, o consola. Observe-se que, ironicamente, ele está entre a Paulista e a **Consolação**.

Ocorre que, mesmo conseguindo essa “segunda chance”, o destino mais uma vez lança um irônico obstáculo em seu caminho: uma passeata dos **sem-teto** nas redondezas da **Casa Verde**:

Mas, no final do caminho, entre Cachoeirinha e Casa Verde, uma passeata dos sem-teto nos reteve. Esperamos, aflitos, de olho no relógio. Como nenhum veículo podia avançar sobre a multidão, e estávamos no limite, saltamos ali e fomos correndo até a escola onde eu faria a prova. (CARRASCOZA, 2017, p. 52).

Note-se, aqui, que não é uma manifestação qualquer – trata-se de um movimento feito pelos sem-teto. Há, novamente, um apelo social presente na narrativa. O intuito, crê-se, é colocar, mais uma vez, em evidência a questão da desigualdade. É o contraste social atuando repetidamente no conto para impedir que o protagonista atinja seu objetivo.

O momento em que os portões da escola são fechados aos olhos e à resistência dos personagens também diz muito sobre a reflexão intentada pelo narrador: “De longe, **sob o sol forte e indiferente**, vimos os seguranças fechando os portões. Avançamos juntos, como soldados suicidas, e nos atiramos contra o trançado dos ferros” (CARRASCOZA, 2017, p. 52, grifos nossos). Nesse trecho, o modo como o sol é caracterizado indica uma resposta do personagem à máxima “o sol é para todos”. Fica evidente, na passagem, que nem sempre o “sol”, representativo do sistema como um todo, ilumina a todos igualmente; ao contrário, há uma posição forte de indiferença em relação a alguns, como foi o caso do protagonista.

Ainda nesse trecho, é possível fazer determinadas associações à forma como o conto encontra seu desfecho. Partindo da temática central da narrativa e levando-se em consideração que o protagonista, ao final da história, torna-se juiz de direito – e que, todos os dias, ao entrar no tribunal, pensa na injustiça que sofreu – é admissível que a cena dos portões se fechando façam referência simbólica aos casos que o personagem, agora magistrado, julga cotidianamente em seu trabalho.

Nesse sentido, o sol forte e indiferente representaria a forma como a Justiça, muitas vezes, lida com os casos que lhe chegam. O pai, desesperado, lançando-se “contra o trançado dos ferros” pode indicar as situações rotineiras de prisão, em que muitas famílias agem, também em desespero, dessa forma em relação às grades das celas – denotativa e figuramente falando.

Ao narrar que, naquele momento de sua vida, compreendeu que “um filho nada pode fazer para diminuir a dor de seu pai. E vice-versa”, e que sempre se lembra disso ao entrar pela

porta do tribunal, o protagonista assume uma postura de resistência, demonstrando uma vontade de transformar a realidade em que vive e deixá-la um pouco mais justa.

Luana Porto (2019, p. 108-109) explica que a literatura pode desempenhar esse papel de resistência, por meio da sinalização do “desgaste de uma sociedade que precisa reformular seus valores e resistir a diferentes e incessantes meios de opressão ao sujeito em situação de marginalidade”, que é justamente o que se identifica no texto abordado.

Dessa forma, diante de tudo o que foi visto, pode-se concluir que o conto em análise carrega em si uma fiel representação da sociedade brasileira atual. Por meio da narrativa memorialista, que compõe parcela significativa da produção contística contemporânea, o autor promove um resgate não só das memórias de seu personagem, mas das mudanças sociais como um todo.

A representação de um drama coletivo sob a forma de lembrança individual aproxima o leitor do problema social, uma vez que as relações de empatia com o personagem são estreitadas. Há, evidentemente, um impacto mais incisivo do assunto tratado, uma vez que o texto universaliza a experiência particular. Assim, a história narrada ultrapassa as barreiras do “eu”. Trata-se de um registro do coletivo, da evolução e da impermanência da sociedade, que coloca em xeque discursos conservadores e que contribui, por meio da literatura, para a criação de uma comunidade mais justa.

“Martelo” é, sem dúvidas, uma forte e importante contribuição de João Anzanello Carrascoza para a cena literária brasileira do século 21, desafiando a resistência de parte do imaginário acadêmico diante dos autores atuais (VIANA, 2010, p. 271), que ocorre devido à incerteza de sua permanência perene na fotografia literária. Diante do que foi visto, o que se pode dizer é que Carrascoza certamente permanecerá.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Teresa Olinda Caminha; GURGEL, Claudio Roberto Marques. A política pública de cotas em universidades, enquanto instrumento de inclusão social. *Pensamento e realidade*, v. 27, n. 2, 2012, p. 95-117, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/12650%3E>>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

BOTELHO, Juliana S.; MAIA, Rousiley C. M.; MUNDIM, Pedro S. O debate em torno das cotas nas universidades públicas brasileiras de 2001 a 2009: uma análise preliminar. *Compólitica*, n. 2, v. 2, set./out. 2011, p. 8-34, 2011. Disponível em: <<http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/9/9>>. Acesso em 30 de jul. de 2020.

- CARRASCOZA, João Anzanello. Martelo. In:_____. *Catálogo de perdas*. São Paulo: Sesi-SP editora, 2017, p. 51-52.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- LANGER, Johnni. Símbolos religiosos dos vikings: guia iconográfico. *História, imagem e narrativas*, n. 11, out./2010, p. 1-28, 2010. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/simbolos-religiosos-vikings1.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. de 2020.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Os contos brasileiros do prêmio jabuti e seus veios narrativos. *Forma breve*, n. 14, 2017, p. 525-538, 2017. Disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/460/376>>. Acesso em: 21 de jul. de 2020.
- OLIVEN, Arabela Campos. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. *Educação*, v. 61, n. 1, jan./abr. 2007, p. 29-51, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/848/84806103.pdf>>. Acesso em: 22 de jul. 2020.
- PORTO, Luana. Narrativa e resistência: conto brasileiro contemporâneo. *Literatura e autoritarismo*, n. 33, jan./jun. 2019, p. 99-110, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35059>>. Acesso em: 21 de jul. de 2020.
- STF. Símbolos da justiça. *Portal Eletrônico do Supremo Tribunal Federal*, 2012. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=bibliotecaConsultaProdutoBibliotecaSimboloJustica&pagina=martelo>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.
- TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A foice e o martelo: história e significado do símbolo comunista. *II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, p. 1313-1328, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Tavares_Rodrigo%20Rodrigues.pdf>. Acesso em 20 de jul. de 2020.
- VIANA, Antonio Carlos. O conto brasileiro hoje. *Interdisciplinar*, v. 11, jan./jun. 2010, p. 271-282, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1272>>. Acesso em: 21 de jul. de 2020.

Artigo recebido em julho de 2020.
Artigo aceito em setembro de 2020.